

A INDIVIDUAÇÃO DOS SISTEMAS PSÍQUICOS¹

Edmundo Balsemão Pires²

Abstract: This study scrutinizes the consciousness from a systemic perspective. It is an essay on the connective sequences of the psychic system as a closed system, on the circular autonomy of its elements and on the articulations among its inner sequences. From this investigation it is possible to infer a representation of psychic systems that is different from other analytic enquiries, such as classical Psychology, Psychoanalysis or Phenomenology. The paper emphasizes the individual character of psychic systems.

Keywords: psychic system; individuation; impressions; images; emotions; circular causality; time; time-flow

Resumo: O presente estudo examina a consciência de um ponto de vista sistémico. É um ensaio sobre as sequências conectivas do sistema psíquico como um sistema fechado, a autonomia circular dos seus elementos e as articulações entre as suas sequências internas. Desta investigação é possível inferir uma representação dos sistemas psíquicos que difere de outras abordagens como a Psicologia clássica, a Psicanálise ou a Fenomenologia. O trabalho sublinha o carácter individual dos sistemas psíquicos.

Palavras-chave: sistema psíquico; individuação; impressões; imagens; emoções; causalidade circular; tempo; fluxo do tempo

Abertura

Há um momento no desenvolvimento da teoria em que é necessário enfrentar certas questões do ponto de vista de uma demarcação clara das posições pessoais, desenvolvendo as ideias, as teses e a construção dos modelos de um modo autónomo. Assim se evidenciam as diferenças frente a outros exercícios semelhantes e as dificuldades inerentes a tais distinções. Obedecendo a esta orientação, o modo de exposição adotado neste estudo não foi o de um confronto de teses do pensamento clássico ou contemporâneo. Por isso, as referências à literatura e a autores foram reduzidas ao elementar. Julguei mais conveniente a formulação direta das ideias, tornando-as assim mais claramente acessíveis ao leitor sem obrigar este a mediações por vezes penosas no conhecimento da literatura filosófica.

O principal objetivo do presente estudo é a descrição de um modelo analítico da consciência capaz de a representar como um sistema individuado de elementos conectados. Os dois conceitos,

sistema e individuação, serão compreendidos ao longo da própria descrição, do mesmo modo que a sua reciprocidade. A dimensão comunicativa do tema da individuação foi previamente articulada na nossa *A Individuação da Sociedade Moderna*, que além do mais se propunha demonstrar a tese da autonomia crescente dos sistemas baseados na comunicação frente aos sistemas psíquicos e à consciência em geral na sociedade moderna.

A tese central no seu alcance negativo diz que a consciência não é uma forma homogênea, exprimindo diretamente aspetos bio-fisiológicos, em continuidade com a linguagem e a comunicação. A consciência também não é considerada homogênea nos elementos constitutivos, internos, que asseguram a sua reprodução. Se há uma visão de conjunto a abandonar é a de um corredor expressivo contínuo que unifica todas estas dimensões do que foi tido pela “experiência humana do mundo” por uma longa tradição.

A descrição da consciência como um sistema significa: *representá-la como um conjunto conectado de elementos providos de uma relação circular reflexiva que integra uma diversidade de níveis e obedece a articulações não-lineares.*

Esta outra visão que reflete a diversidade interna dos sistemas em vez de sublinhar uma homogeneidade ilusória é consequência das exigências da ciência moderna e da sua atenção à complexidade.

O que chamamos sistema psíquico, que tomamos como o sistema cujos elementos são *atos da consciência encadeados uns nos outros*, diferencia-se no plano descritivo do que se chamou mente. O conceito de mente é legatário de muitas pressuposições analíticas e temas da Gnosiologia e da Psicologia modernas e até das “ciências da cognição”, mas também da Psicologia Racional da tradição filosófica mais recuada, como é o caso com a questão da relação mente-corpo, os limites da consciência frente aos processos neurológicos e às localizações cerebrais, o tema da constituição do mundo exterior na consciência, a comunicação entre as consciências e o conhecimento da intencionalidade da vida psíquica alheia, a influência das emoções na razão, na vontade e na decisão, para apenas apontar as questões mais famosas. A via descritiva que escolhemos no presente estudo não está comprometida com soluções específicas para estes temas. De certo modo, até pode parecer que os evita. Mas, na realidade, essas questões não têm uma relevância direta para o tipo de descrição que propomos.

O que importa para nós não é saber o que é a mente mas como é que os elementos da consciência se encadeiam ao formar um sistema psíquico.

A investigação da individuação do sistema psíquico distingue-se ainda da Fenomenologia. Embora o conceito de intencionalidade da consciência seja conservado e explicitamente invocado a análise sistémica da consciência não é fenomenológica por não estar especialmente empenhada na relação *noese-noema*, ou seja, na exposição sobre a estrutura da consciência e dos seus correlatos. Além disso, mesmo que a Fenomenologia nos pareça o modelo descritivo mais compatível com uma perspetiva da consciência como sistema fechado há vários aspetos da descrição fenomenológica que ainda estão marcados pelo tema da constituição da transcendência do mundo objetivo na imanência da intencionalidade. Ora, este último problema não tem para o presente estudo qualquer relevância e abstrairemos dele.

O conceito psicanalítico de “aparelho psíquico” pretendia ser um modelo descritivo completo do sistema psíquico. Se a Psicanálise concebeu muito adequadamente o psiquismo como um aparelho dotado de uma estrutura própria isso não chegou para evitar os outros inconvenientes da proposta de Freud, que residem na insuficiente delimitação dos elementos psíquicos relativamente aos elementos bio-fisiológicos e aos “culturais” e na convicção de uma influência contínua destes domínios uns nos outros. Este tipo de descrição põe em risco a autonomia do psiquismo e tende, por isso, a ultrapassar os limites impostos por uma descrição sistémica.

A descrição do sistema psíquico deve concentrar-se no encadeamento dos elementos do próprio sistema que lhe garante autonomia, expansão interna, aumento de complexidade e delimitação frente ao meio-ambiente. O que nos vai interessar é a investigação dessas conexões sistémicas que definem o psiquismo como sistema fechado e não a “mente”, a relação “corpo-mente”, a intencionalidade ou o impacto das dimensões não-psíquicas no psiquismo.

Como se desenrola a articulação dos elementos caracterizados como “consciência” num tipo particular de estrutura, eis o que nos ocupa.

Veremos ainda como a compreensão do encadeamento interno dos elementos psíquicos que definem a consciência permite exemplificar a individuação dos sistemas psíquicos.

Sensorium

Matéria e Memória de H. Bergson é uma boa fonte teórica para uma investigação sobre a sensibilidade. Aqui, tendo por objetivo mais imediato a crítica de um modelo representacional da mente da herança idealista, fazia o autor a descrição do processo sensorial e tomava o corpo na relação com o movimento como o seu suporte e guia analítico. A obra de H. Bergson não nos vai interessar na perspectiva da análise monográfica, mas porque o seu conceito de imagem reflete uma maneira de ver a sensibilidade que é certa no essencial estimulando vários prolongamentos, entre os quais alguns dos pressupostos deste trabalho. Um deles relaciona-se com a individuação de um sistema psíquico a partir da base corpórea e do sistema sensório-motor, pois a individuação psíquica se apoia no processo sensorial e no sistema sensório-motor como pontos de ancoragem do seu dinamismo.

J. von Uexküll na sua “Doutrina do Significado” insistiu em duas ideias associadas para descrever o processo sensorial nos animais, para nós igualmente decisivas: *i)* a ideia de que o mundo que rodeia o animal não é o mundo na totalidade ou como conceito de “tudo o que ocorre” mas um campo limitado de relevâncias da espécie em causa, como meio ambiente ou nicho ecológico; *ii)* a noção de que os animais não se orientam para ou por objetos mas sim por sinais e significados ligados a relevâncias que se organizam num meio-ambiente interno que coincide com o acoplamento psíquico-orgânico da vida. Uma relação com objetos transcendentis no processo sensorial não existe enquanto tal.

Von Uexküll distinguiu entre sinais perceptivos (ou característicos) e impulsos e associou ambos aos mundos-próprios em que os animais estão inseridos. É destes nichos efetivamente caracterizados pela singularidade das referências ao mundo que depende a estrutura dos significados que os animais vão atribuir aos objetos do mundo circundante. Fora da forma destes mundos-próprios não é possível reconhecer qualquer relação entre utilidade e significação. O significado está radicado nesta articulação entre a ação e a percepção na orientação para o mundo dos animais e depende das formas interiores dos meios-ambientes internos. A ligação entre sinal-perceptivo e sinal-impulso forma um ciclo funcional que talha os significados dos objetos e os relaciona com a subjetividade animal.

No sistema psíquico de humanos e animais a posição do corpo sensitivo no espaço não é apenas representativa de um lugar

ocupado por um corpo situado num ponto identificado em coordenadas físicas, mas refere-se a um feixe de elementos físicos do movimento, orgânicos e psíquicos, propriamente ditos, em que é a covariação destes aspetos que define e sustenta a própria abertura posicional da consciência e o seu deslocamento.

A sensação é uma resposta psíquica à relação entre movimento, posicionalidade do organismo mediada pelo corpo e nexos cognitivo-emocional da consciência nos estados conscientes abertos ao mundo.

O nexos cognitivo-emocional é basicamente constituído por portadores de informação com significado cognitivo e por portadores de significado emocional.

Este nexos não é um corredor (temporal) contínuo em que se encontram sempre conectadas a cognição e emoções, em que emoções correspondem a cognições e *vice-versa* numa atualidade sincrónica. A possibilidade de deslocar portadores emocionais de portadores cognitivos está sempre presente. É característico da reprodução da consciência a retomada e a projeção de elementos cognitivos e de elementos emocionais. As retomadas e as projeções constituem uma matéria tão abundante nos estados da consciência que o difícil é determinar uma atualidade perfeitamente sincrónica. Quer dizer que os estados conscientes que pretendemos fixar na atividade sensorial não estão nunca completamente desligados de arranjos imaginários. A latência desempenha nestes um papel essencial, como se pretende demonstrar de seguida.

As formas e os eixos mais elementares da reflexão posicional da consciência (em articulação com o corpo animado) são os mesmos da observação em geral: tempo <-> simultaneidade; virtualidade <-> realidade; simplicidade <-> multiplicidade; atualidade <-> possibilidade. As relações dos eixos resultam da mobilidade da forma da observação. A forma final da observação que implica a rotação de todos os elementos destes eixos está, portanto, embraiada na forma da posicionalidade do corpo próprio lançado no movimento. O importante na forma da posicionalidade do corpo reside em dois aspetos que só nela se conjugam e aliás a definem como forma. O primeiro está em que a posição está inscrita na dimensão do que ela torna visível mas em permanente deslocação; o segundo aspeto revela o deslocamento da posição relativamente a si mesma. A retomada da posição indica que na nova posição a anterior se repete na modalidade de memória da posição. É isto que constitui a animação do corpo orgânico no

movimento a que estão forçosamente ligados os atos da consciência. O nexu interior-exterior desenvolve-se ao longo do deslocamento posicional e das retomadas.

Um dado elementar da emergência das distinções com que a percepção se estrutura é a inscrição dessas distinções em marcas de posicionalidade do corpo próprio que mudam consoante o movimento. Isto foi descrito simplesmente como a dimensão corpórea da observação. Mas com esta designação perde-se o mais relevante que consiste na própria forma da posicionalidade que está aqui implicada. A posição significa que toda a observação é orientada e, portanto, limitada, referida a marcos que para uma outra observação podem ser ulteriormente identificados e retomados. Isto quer também dizer que nenhuma posição pode a partir daquilo que revela revelar-se a si mesma de um modo completo, na medida em que ela está sempre já inscrita no que dá a ver, mas de um modo cego. L. Wittgenstein no *Tractatus* e G. Spencer-Brown nas *Leis da Forma* exprimiram adequadamente o sentido desta irreflexão de base que é ulteriormente objeto de retomada e reflexão. A visão é apenas uma forma de posicionalidade sensível. É aquela que serviu de exemplo a uma longa tradição da teoria e da descrição do conhecimento. Mas toda a sensação está organizada de um modo posicional, em que o foco da posição serve para marcar e referir não a própria posição mas o seu *de fora*. Ela combina autoafeção e posicionalidade. Mas a autoafeção não é uma observação reflexiva da posição.

Agora, o que nos interessa é perceber como a posição é retomada no que dá a ver e como esta retomada é uma função do movimento mas também da covariação entre esse movimento do corpo orgânico e as suas marcas na consciência posicional. Uma das ideias de partida das análises que se seguem está na noção de que ao ser retomada a posição se inscreve nela própria, gerando assim um nó entre o interno e o externo que não é ainda o nexu da objetivação da reflexão. Veremos também como este tema da retomada pode ser fundamental na compreensão da conectividade do sistema psíquico.

A posição insere o corpo num horizonte seccionado que não pode romper-se a não ser mediante a mudança de posição. Nada é acessível fora de secções que estão sempre a mudar projetando a oscilação do interno-externo, que é impelida pelo sistema sensório-motor. Posicionalidade significa limitação no horizonte mas igualmente inclusão das possibilidades do horizonte. As

possibilidades estão igualmente presentes na orientação típica da posição e não excluídas. Quer dizer que eu percebo em determinada secção o que posso perceber nessa secção, mas as outras possibilidades que derivam de outros ângulos que foram sendo abandonados não deixam como tal de estar presentes, mesmo que, depois, segundo um modo virtualizado. Todas as possibilidades de efeitos conscientes de uma posição sensório-motora estão na posição como possibilidades reais suas. O conceito de *possibilidade real* diz exatamente isso: *o que se dá na posição é simultaneamente tudo o que a consciência pode compreender a partir da sua posição na secção correspondente do mundo para que está aberta segundo a posição.*

Não percebemos fora de secções.

Segundo o alcance limitado das secções percebemos o mundo a partir de todas as possibilidades reais nelas inscritas. Perceber aqui não é um ato de objetivar uma coisa, já retida como uma atualidade polida dos outros possíveis, mas estar incluído numa secção com tudo o que pode ocorrer nela.

Na sua forma elementar a posição é uma função do movimento e da sensação, ambos articulados na referência espacial do corpo próprio e da percepção interna. Referência espacial e percepção interna não são elementos estáticos da sensação. A sua mobilidade revela como a sensação está orientada pelo movimento e como a afeção sensível e a sua passividade característica se devem à exposição do corpo ao movimento. Não pode haver afeção sensível sem posicionalidade e esta última combina a face exterior do movimento e as respostas internas do organismo na detecção, integração e adaptação ao movimento. Todo este processo é sensorial e não é feito de uma camada propriamente sensorial, outra de movimento corpóreo, outra ainda de auto percepção e ainda outra de tipo emocional. Este isolamento analítico de níveis não se concretiza na forma imediata da resposta orgânica à deslocação do corpo no espaço-tempo que representa, antes, uma abertura às possibilidades da secção sensório-motora.

A sensação imersa no movimento explica o sentimento de continuidade atribuído à vida psíquica. Sentir é um processo que para a percepção interna se desenvolve em continuidade com a consciência. Isto quer dizer que se gerou uma absorção mútua entre a forma da sucessão temporal, a consciência da atividade sensorial na autoafeção e a própria sensação. A razão de ser para tal se

encontra na articulação entre movimento e orientação das respostas orgânicas.

Movimento e sensação são também os elementos dessa unidade compósita, em que sentir significa tomar-se a si como efeito de uma deslocação no movimento. Mas esta definição, desenvolvida de modo completo, leva-nos para a confluência entre sentir e sentir-se, entre heteroafeção e autoafeção. Como o movimento implica sempre uma covariação, sentir é aperceber-se como afetado por deslocações. No entanto, há aqui uma dificuldade. No sentir-se não há uma observação da unidade entre sentir e sentir-se nem uma percepção da mudança sensório-motora como um *objeto* da experiência interna. O caráter imediato do sentir envolve uma posição cega do corpo lançado no movimento e na mudança de secções que a alteração de posição traz como consequência.

A forma interna da afeção replica a forma do movimento assim como a forma da afeção externa, de tal maneira que a diferença do interno e do externo deixa de poder ser observada. Ela apenas importa na medida em que permite referir a diferença entre estados. Assim, pela afeção externa é referido o novo estado na sensação. A mudança de estado é afigurada na afeção interna como externa. Enquanto pela autoafeção se refere a continuidade do movimento e a continuidade da função do movimento e da sensação. A transcendência da sensação aparece, assim, no processo da deslocação posicional. Ela é a prova de que essa deslocação se produziu, de que a posição mudou, que o corpo se deslocou e que um novo estado se gerou em virtude de novas possibilidades estarem agora associadas a uma nova secção.

É seguro dizer que a sensação é autoafeção, porque implica um aperceber-se não-objetivado da afeção. *Aperceber-se da afeção é simplesmente estar afetado.*

Se as deslocações no movimento contínuo deixam traços mnésicos isso se deve a uma retomada da afeção. Esta retomada define a própria autoafeção.

A retomada da afeção verifica-se na conexão das sensações, no seu reenvio estrutural. A possibilidade de conceber a autoafeção está contida nesta referência contínua que reflete uma posicionalidade contínua na relação do movimento com o corpo. Porém, a posicionalidade contínua não se reproduz em uma continuidade e homogeneidade das possibilidades posicionais abertas pelo corpo próprio nas deslocações interseccionais.

A sensação remete para outra sensação, eis um facto básico do que se chama consciência. Como se organiza este reenvio, é algo menos claro. Mas uma dimensão decisiva para o perceber está na correspondência sensorial e sensorio-motora, ou seja no facto de que as sensações respondem a outras e mantêm das primeiras uma marca que serve como base recursiva da sucessão sensorial ($i/s_{1(i)} \rightarrow s_{(i)2}$)³. Este aspeto é especialmente importante e remete para o nexa entre sentir e forma mnésica da autoafeção muito característico da articulação sensorio-motora. A continuidade do processo sensorial é assegurado nesta base recursiva em que pontos de movimento-sensação (m/s) se transpõem para pontos conexos e se retomam graças à memória sensorial somente disponível na autoafeção e segundo a consciência da imagem ($m_1/s_1 \rightarrow s_2 : m_2/s_{(i)1} \rightarrow S_{(i)2}$). Assim se organizam ligamentos sensoriais mais ou menos extensos na duração, contribuindo para a formação da identidade de objetos ou de imagens consolidadas, como veremos mais adiante.

Na visão, por exemplo, as secções visuais são blocos mas estão em associação com outros blocos num *continuum* aparentemente indivisível. Algo semelhante ocorre com outros órgãos dos sentidos e com as sensações correspondentes. Daqui resulta a ilusão de que percebemos o mundo continuamente, sem interrupções, quando, na realidade, não podemos deixar de perceber o mundo fora da posição do corpo próprio, da sua estrutura e limitação seccional. É um facto que não conseguimos ver, ouvir ou tocar fora da nossa região sensorial ou seja fora do alcance sensorial da posição do corpo. Quer dizer que sentimos em secções e nunca há nem uma secção das secções nem uma sensação transseccional. Também não é concebível o estabelecimento de uma equivalência rigorosa entre o que um corpo inscrito no movimento alcança sensorialmente do mundo e o que outros corpos alcançam. Entre outras dimensões, esta consequência da posicionalidade é a que mais radicalmente ilustra o caráter individuado da consciência e dos sistemas psíquicos. Sabemos que a região sensorial é diretamente condicionada pela orientação do movimento e é, por isso, uma variável dependente do eixo espaço-tempo. Se no movimento contínuo a posição do corpo se modifica também continuamente sem que se possa determinar um ponto de equilíbrio exato, a posição transforma o alcance da sensação na sua secção inicial, no ponto de partida do movimento, ou altera-a por completo se a referência espacial for agora outra localização longínqua da

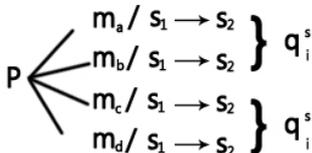
inicial ou mesmo próxima mas implicando mudança de secção ou de perspectiva. A mudança de posição do corpo próprio no espaço, pelo movimento, não obedece a nenhuma regra conhecida. O corpo discorre no espaço. As alterações nas secções sensoriais não podem por isso ser previstas e muito menos o alcance sensorial completo das novas secções que vão sendo descobertas. Para onde o corpo vai concretamente, de que modo se vão posicionar os órgãos do corpo, em que ângulos, quais as secções que se vão abrir a partir disso e respetivas possibilidades para o sentir, são condições que não podem ser determinadas exaustivamente de posição para posição.

Há nisto uma abertura resultante da *indeterminação do posterior* que baseia a articulação entre tempo interior e espaço.

O que leva o corpo desta localização para outra é imprevisível e a alteração de posição é ruído para o processamento de informação sensorial pelo sistema psíquico. Este último, contudo, não pode rejeitar essa fonte de ruído, mas toma-a como a causa da novidade na informação sensorial sobre o mundo, mas apenas no momento seguinte. Daqui se pode inferir um indício tácito de que o mundo é transcendente porque não dominamos a secção seguinte da progressão sensorial como quer que esta tenha começado.

Na transformação do horizonte seccional há, por conseguinte, um lapso (e mesmo uma acumulação de lapsos) que só pode ser preenchido num vaivém do anterior para o posterior e *vice-versa*.

De qualquer modo, o ruído que resulta da não antecipação do que vem agregado às secções sensoriais seguintes é constantemente compensado pelo comportamento do organismo. A impressão de um *continuum* trans-seccional na sensação só pode resultar de ressonâncias mnésicas interseccionais ($i/s_{1(i)} \rightarrow s_{(i)2}$). São estas que retificam o ruído dando uma densidade interseccional aos intervalos e tornando o lapso inaparente.



O esquema mostra como a qualidade sensível (q) é uma consequência da relação entre sensação (s) e imagem (i) e como

ela emerge das possibilidades em aberto do sistema sensório-motor ($m_{a-d/s}$) lançadas pela posicionalidade do corpo próprio (P).

O que torna possível a continuidade interseccional é o equivalente a uma memória sensorial que transforma o discreto-discreto em discreto-contínuo e em discreto-contínuo-discreto. Uma tal memória sensorial reagrupa as secções da sensação mediante um efeito de transição gradual que transmite ao *sensorium* a impressão de regiões homogêneas. A geração de regiões sensoriais homogêneas só é compreensível se concebermos a gradação sensorial a partir da recursão de partes de secções anteriores nas novas secções. O processo da sensação consistirá então na impregnação de traços mnésicos de recursões sempre que uma nova secção toma lugar. Há, portanto, uma base residual da sensação que é feita de recursões de tipo mnésico, que é indispensável para o progresso da sensação. A relação íntima desta progressão com a posicionalidade explica a articulação da afeção interna com o sistema sensório-motor, para formar o *sensorium*, e a tradução quase instantânea do que se passa num plano no outro. Tratando-se de um processo que implica tempo não deixa, contudo, de colocar problemas à própria concepção do tempo, em especial à representação de um tempo linear sem resíduos em que se daria a passagem do anterior no posterior. A temporalidade da sensação desmente a imagem da flecha do tempo, pois depende da articulação de múltiplos fenómenos recursivos em que o anterior está incluído no posterior ou em que o posterior retira a sua força posicional da inclusão do anterior e retro-referência ao anterior. Para que se produza esta inclusão do anterior no posterior e a correspondente retro-referência não basta afirmar que um vem depois do outro, mas é necessário perceber como se dá em concreto uma tal recorrência. Igualmente se percebe a este respeito como a unidade entre estas recursões e a duração implica a individuação da vida psíquica.

O que afirmamos em tese geral é que a recorrência transseccional implica a admissão de ligamentos mnésicos e imaginários entre as secções do tempo sensorial.

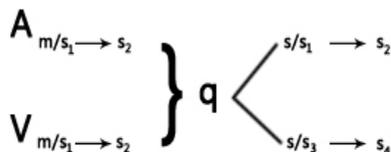
Estes últimos são possíveis num *continuum* desde que na sucessão se reconheça também a repetição e na repetição ciclos. O problema está em saber como se dá a repetição no tempo contínuo, uma vez que isto aparenta uma contradição insanável.

É a propósito que a noção de imagem se torna de grande utilidade. Nas imagens conserva-se o movimento sensorial como

projeção do antes no depois e como síntese do movimento externo do sistema sensório-motor e do movimento interno da (auto)-afeção. Isto se explica porque a imagem é traço mnésico na modalidade de conteúdo da afeção: é *memória-sensação*. Assim, ela conserva o anterior como uma ressonância sensorial do passado na afeção.

A imagem no seu processo de soldagem sensorial para além deste efeito de ressonância ainda garante a possibilidade de discriminar entre novidade e diferença por um lado e identidade, por outro, ao acompanhar o movimento e as deslocções interseccionais. A sucessão temporal sensorial é, portanto, uma construção desta memória-sensação-projeção interior à imagem: é uma *ressonância projetiva*.

Na forma da ressonância projetiva podemos entender a articulação entre o sistema sensório-motor, a sensação associada a secções do horizonte sensorial numa progressão ($s_1 \rightarrow s_2$) e o poder de ligamento da imagem na formação do que chamamos qualidades sensíveis (q). Nesta estrutura temos de incluir aspetos atuais (A) e virtuais (V) da progressão sensorial. A isto nos obriga a descrição rigorosa da referência às possibilidades de deslocação no espaço-tempo partindo da posicionalidade do corpo, que a deslocação ocorrida de facto não efetivou mas deixou latentes. O significado da latência que aqui revemos na noção do virtual foi mal reconhecido na conceção do funcionamento psíquico e na organização dos processos cognitivos. O latente não é o negado mas o conservado como suprimido. No diagrama seguinte indicamos como a sequência sensorial ($s/s_1 \rightarrow s_4$) ligada à qualidade sensorial (q) implica a conservação do latente em V ($m/s_1 \rightarrow s_2$). Ou seja, na atualidade da qualidade sensorial (q) *conserva-se como suprimida* a sequência latente relacionada com a fonte sensório-motora (m/s) da sequência abandonada.



As imagens sonoras dão-nos uma aproximação disto se nos fixarmos, por exemplo, no fluir de uma sequência melódica. Para perceber a melodia é necessário tempo, dizemos nós concordando com uma ideia que apreendeu a melodia como “objeto temporal” por excelência. No tempo, os momentos melódicos aparecem como

secções que continuamente remetem para outras secções. A passagem de uma secção mais veemente em que os instrumentos musicais são levados a uma intensidade determinada para permitir uma dada transição para outra secção mais serena ou mesmo para um silêncio provisório, a evolução de um ponto melódico que suspende a aparente continuidade do todo para uma secção em que novamente o todo se reequilibra são asseguradas pelos traços mnésicos ou melhor, pela imagem desses traços. É fácil perceber que é a imagem da memória do anterior que, na escuta da melodia, assegura a progressão, a identidade da escuta e do seu objeto. A progressão na escuta envolve a atualidade da corrente melódica e uma certa persistência da latência que representa o constante poder-ser-de-outro-modo que acompanha a audição.

Tome-se o tato. O toque é um sentido organizado por essas associações internas entre secções que se agregam graças aos traços que cada secção deixa nas demais. Uma superfície é detetada. Nela o que a mão ou o toque em geral permite alcançar constitui uma secção da superfície. O tatear ao avançar na superfície vai mudando de secção e projeta as secções já tocadas nas outras que se descobrem uma após a outra. A mão é o órgão desta projeção seccional e como tal é um órgão-memória. Isto não significa que a mão tenha um registo do espaço, na modalidade de imagens-objetos do espaço. O que faz a mão de alguém que não vê mas apenas tateia é dirigir-se na superfície de acordo com a auto-organização das relações sensoriais tácteis obedecendo às instruções das formas das secções e ao embutimento seccional que vai resultando do progredir na superfície. Esta auto-organização não seria possível sem conexões mnésicas. Ao regressar agora à mesma superfície depois de uma pausa a mão retoma o seu rumo e para o fazer não é necessária a intervenção de imagens mentais ou de uma ideia da superfície. A orientação posicional é retomada a partir da memória posicional da mão. Dentro dos limites da história posicional a mão sabe precisamente o que fazer, o que evitar ou mais simplesmente que direção tomar para agarrar alguma coisa. Quer dizer que a posicionalidade é um aspeto da auto-organização da vida sensorial e do sistema sensório-motor e uma dimensão do corpo próprio que constantemente navega entre elementos virtuais e a atualidade.

São os traços mnésicos da sensação que permitem as retomadas e a evolução do anterior no posterior. Esses traços pertencem à sensação e não a outra coisa de separado da vida

sensorial. Se há nisto a influência ou não da forma consciente e objetivada da autoafeção de um sujeito isso representa apenas uma hipótese. Mas o que não é apenas hipotético é o facto de na história da sensação a sensação se seguir a ela própria, interminavelmente se não for parada. Podem estar associadas as mais diversas formas e graus de atenção consciente ao desenvolvimento de conexões sensoriais. Na descrição da conectividade sensorial pode mesmo fazer-se completa abstração da atenção consciente como acontece com um número esmagador de ligações sensoriais e sensório-motoras. Assim, a sensação tem de estar referida a um processo auto-organizado de referências internas que em largo grau escapam ao controlo consciente. Isto não significa que a sensação não se sujeite a uma observação de estados conscientes. Esta, contudo, desenrola-se segundo uma retomada imaginária de um conceber da progressão sensorial que já exige outro modelo de conexões e associações entre elementos.

Como vimos, a imagem dos traços mnésicos não é uma memória morta. A imagem está ativamente voltada para a continuação da experiência e alimenta-se desta continuidade. Por isso, a sugestão é a de se compreender o efeito da imagem como ressonância projetiva e não simplesmente como traço mnésico do anterior no posterior. No caso da melodia se entende como o valor estético de uma peça musical reside no “livre jogo das faculdades”, é certo, mas mais concretamente ainda na livre disposição para descobrir e ser guiado pelas ressonâncias projetivas das imagens sonoras, como se na peça musical se contivesse um programa com instruções para orientar a sequência psíquica do processo sensorial da escuta de secção em secção. Cada agora nos lança para os posteriores mesmo nos casos em que a surpresa é a consciência do posterior.

Na escuta, na melodia como “objeto temporal”, verifica-se uma quase identidade entre tempo e processão sensorial. Na visão ou no tato a situação é mais complexa, pois claramente envolve o movimento e a mútua reflexão do espaço-tempo.

Da conceção clássica da teoria das faculdades da alma com os seus elementos resulta a imagem da sensibilidade como faculdade recetiva e passiva cujos elementos estão encadeados uns nos outros segundo a experiência de um sujeito lançado no mundo. Sobre esse primeiro encadeamento sensorial vinha colocar-se um outro, de tipo imaginativo, a que se seguiam as ideias. A sucessão

temporal era analogada a uma forma neutra apta a descrever a autoafeção do sujeito na experiência.

Se examinamos o esquema da conexão dos elementos na vida sensorial o que retemos é outra perspectiva.

Vemos como as impressões têm uma vida interior. Cada uma delas chama a outra e é parcialmente retida e retomada na outra. A vida sensorial não é por isso passiva nem recetiva. A diferença entre passividade e atividade pode ser enganadora. O que a qualifica, segundo o entrevistado até aqui, é um processo de auto-organização equivalente a uma metamorfose sensorial na autoafeção.

Pelo facto de a sensação estar situada no halo da retenção mnésica, da recursão e da projecção ela está sempre a pedir a imagem correspondente. A mão que percorre a superfície e explora recursiva e projectivamente as diferentes secções não experimenta apenas esta ou aquela parte na atualidade do experimentar mas gera imagens que se vão sucessivamente retificando e corrigindo. A sensação organiza-se, assim, numa conexão circular entre a frescura da nova experiência e os traços mnésicos das secções anteriores. Ela é um desenvolvimento que pede sempre o novo mas mediante uma gradação aberta das recursões projetivas. O corpo na sua história é a forma paradoxal desta abertura.

Importa compreender como está estruturada a ressonância projetiva das imagens sensoriais. Para isso teremos de detalhar a *forma temporal* e a relação com o movimento que a caracteriza.

Tempo

Contrariando a visão vulgar assumida por diversos clássicos da História da Filosofia a forma da sucessão no tempo sensorial não é equivalente a uma sucessão pura feita de uma passagem sem fim do anterior no posterior. A respeito, a ideia do fluir do tempo não pode ser mais inexata. O que descrevemos habitualmente como sucessão temporal está muito longe de um fluir para além de que a noção comum de tempo inclui formas muito diferentes entre si, que não podem subordinar-se a um mesmo género.

A proposta que aqui se formula para compreender a sucessão sensorial baseia-se na noção de ressonância projetiva. A sucessão do tempo sensorial é ressonância projetiva e não um passar neutro de instantes em outros instantes. O tempo sensorial mantém com o espaço e o movimento as mais diversas articulações que o tornam particularmente denso e multilinear. É claro que

sentimos “o tempo a passar” de instante a instante. Mas este sentimento não é minimamente esclarecedor sobre o que constitui a densidade própria desse passar. É uma constatação banal que vulgariza a noção de uma correspondência entre sucessão no tempo e sucessão das qualidades sensoriais.

O que verdadeiramente passa não é o tempo ou as impressões sensíveis mas as imagens do processo sensorial. Ora, as imagens da processão sensorial não são impressões sensoriais e devem-se a um processo reflexivo interno. A forma de tempo que é a sucessão está ajustada a esta “passagem” das imagens sensoriais. Contudo, as imagens não possuem o mesmo significado psíquico que as impressões sensíveis. São, por isso, “passagens” completamente distintas. Dizer que as imagens se sucedem não é o mesmo que dizer que as impressões passam no tempo. É necessário ir mais longe e mostrar como não existiria qualquer sucessão ou passagem, fluir, sem as imagens sensoriais, pois as impressões são essencialmente instantâneas ou seccionais e não podem assegurar, portanto, uma duração contínua.

A sensação não flui.

Não há sucessão, continuidade num fluxo, sem recoleção imaginária de impressões e sem o equivalente a um anterior-no-posterior que já assinalámos na ressonância projetiva. Pode parecer paradoxal, mas no caso do tempo sucessivo o contínuo é feito da repetição do discreto e da inscrição psíquica de uma tal recoleção nos traços mnésicos. É a conservação imaginária das impressões, no traço entre imagem e memória, a responsável pela continuidade da experiência sensorial e pela densidade sensorio-imaginária do contínuo. Esta conservação é repetição do mesmo no sentido de recoleção e está implicada, também, na formação psíquica do sentimento do idêntico. A sucessão depende disso e não é a sucessão que causa o sentimento da identidade das secções sensorio-temporais. Uma das razões para as teorias da sucessão temporal, alicerçadas no senso comum, terem ignorado a repetição imaginária do mesmo na génese da continuidade residiu em que supuseram primeiro a forma da sucessão e nesta fizeram assentar o processo sensorial, no tempo. Inverteram tudo.

Se é certo que toda a nossa percepção sensorial se baseia em secções e não podemos apreender sensorialmente nada fora de secções, perceber como se dá a conexão intersectorial torna-se então essencial.

A repetição imaginária do mesmo implica virtualização das impressões sensoriais e a correspondente latência. O virtualizado e latente não se torna menos eficaz para o sistema psíquico, como se sustentou já, na medida em que os traços mnésicos são essencialmente a presença do latente. No movimento sensorial na sua face interna e na externa a eficácia da latência pode ser assinalada nos ligamentos interseccionais da visão, do tato, da audição, no facto de o posterior estar sempre engrenado no anterior. É o próprio processo sensorial nas suas articulações sensório-motoras que desenrola estes ligamentos em toda a sua riqueza. É este processo que em concreto origina a sucessão temporal. Ele é largamente pré-consciente e pré-intencional, no sentido de pré-objetivo. A Filosofia clássica observou aqui o poder do negativo neutralizante dentro do tempo.

Não convém, portanto, confundir esta repetição do idêntico no plano das sequências sensório-motoras interseccionais com a reprodução intencional, consciente, do idêntico no tempo característico da rememoração. São processos diferentes embora a rememoração se apoie na estrutura prévia da ressonância projetiva. O que interessa sublinhar, para já, é esta densidade intersectorial no processo sensório-motor e o facto de ela se desenrolar com base em ressonâncias projetivas. Estas não são repetições conscientes de conteúdos, mas simplesmente o *antes no depois* típico de todo o processo sensorial. Pelo facto de as ressonâncias projetivas dependerem da conservação do anterior no posterior falamos aqui em repetição na imagem e dizemos que não há processo sensorial sem o fantasma do anterior no posterior. Isto se vê na perspetiva do campo visual e na relação entre posicionalidade e campo. Uma alteração na posição pode levar a uma mudança de secção ou de campo mas isto nunca se opera em completa abstração em relação aos campos anteriores. Pelo contrário, cada nova secção ou cada novo campo continua sempre alguma coisa dos anteriores. Os ligamentos interseccionais revelam os intervalos entre secções mas como lacunas já preenchidas. É assim que somos guiados pelas primeiras impressões de uma cena na exploração de todas as outras secções dessa cena, de um campo visual, táctil ou auditivo em que virtual e real se combinam e modulam mutuamente. O sistema sensório-motor mobiliza este processo em que a conservação do anterior, a repetição imaginária e a virtualização antecedem e acompanham o que vem de novo na experiência

sensorial. Podemos chamar-lhe a *moldura imaginária da sensibilidade*.

A repetição no fantasma é essencial na formação de ressonâncias sensoriais, sendo claro que o que se repete não são as sensações originais antecedentes mas as imagens, aquilo que estas ecoam da impressão primitiva. A fixação da sensação fluida em redor de imagens de charneira está permanentemente a ocorrer na organização dos planos sensoriais, acústicos, visuais ou tácteis de tal modo que mal nos apercebemos da modulação real-virtual que tem lugar para dar consistência à relação do discreto e do contínuo na experiência.

Isto quer dizer que a sobreposição da imagem e da impressão sensível é uma regra de base de todo o processo sensorial e do sistema sensório-motor. É uma consequência da nossa clareza quanto a um ponto de partida essencial: *não apreendemos sensorialmente nada fora de secções*.

A principal consequência desta descrição para uma conceção do tempo sensorial tem um lado negativo e outro positivo. O negativo prende-se com a convicção de que o tempo sensorial e o tempo em geral não se pode confundir com a sucessão, a “corrente da consciência” ou um fluxo de “impressões” sobre o qual se coloca um fluxo de “ideias”. Estas são imagens inadequadas para uma descrição da estrutura do tempo sensorial. O lado positivo, mas que não é imediatamente intuitivo, está na ideia de que o tempo sensorial é mediado pela simultaneidade imaginária dos nexos interseccionais.

Segundo esta perspectiva o processo sensorial está sempre a ingressar nele próprio, a retomar-se a si mesmo: toda a impressão sensível nova supõe recursões e a sucessão que assim se desenrola recursivamente está embebida na simultaneidade. As sequências imaginárias de sensações estão embutidas nas sequências sensoriais de sensações (i/s e s/s). O tempo sensorial não é linear mas curvo e linear, recursivo, cíclico e baseado na simultaneidade do antes no depois graças às recursões.

O reconhecimento desta modulação permanente do processo sensorial e sensório-motor no virtual-real, imaginário-sensitivo, contínuo-discreto leva-nos à proposta de uma nova ideia do tempo e, especialmente, do tempo sensorial.

A razão da proposta está no facto de a modulação tal como foi aqui apresentada não ser compatível com a conceção de sucessão neutra, interminável, da visão vulgar do tempo.

A noção do tempo sensorial e psicológico como sucessão interminável de instantes, uns atrás dos outros, é incompatível com a ideia segundo a qual apreendemos o mundo em secções e sempre em articulação com o sistema sensório-motor, implicando a posição do corpo próprio lançado no movimento.

Como a ideia desse tempo neutro, sucessivo, do anterior e do posterior, esteve em parte ligada ao conceito de duração sensorial interessa sublinhar como são, na realidade, coisas muito distintas. O tempo sensorial é uma continuidade descontínua e não uma soma de instantes. O processo sensorial ao realizar a retomada do anterior no posterior, segundo a recursividade, revela a sua diferença relativamente a uma sucessão no sentido rigoroso do termo. Na sensação não há verdadeiramente nada a fluir num suceder contínuo, mas há sim retenções, retomadas, projeções e novidade. A combinação da descontinuidade com a continuidade é constante - o tempo sensorial é uma modulação de ambas.

A nova compreensão do tempo sensorial que se impõe em virtude do princípio da estrutura seccional do processo sensorial também requer um outro entendimento da simultaneidade. De acordo com o conceito vulgar do tempo psicológico a sucessão é o oposto da simultaneidade e ou se admite uma ou a outra. O princípio de contradição seria aqui de aplicação forçosa, pois não se pode dizer de alguma coisa que essa coisa é simultânea com outra e afirmar que ambas se dão sucessivamente.

Se observamos no concreto a relação entre o processo sensorial e o sistema sensório-motor, entre sequências de impressões, traços mnésicos e posicionalidade corpórea vemos como o que se dá na sucessão implica conservação do anterior. A propósito se poderá falar da memória do corpo que mais não é do que a memória do sistema sensório-motor, aquilo que garante a continuidade do movimento na sua face interna e externa. É a articulação entre o que se desenrola no sistema sensório-motor e o que se processa na forma psíquica de uma corrente de impressões que nos leva a identificar várias dimensões da latência ou da virtualidade que possuem eficácia na atualidade e na sucessão temporal das vivências. O virtual não significa aqui algo simplesmente neutralizado, colocado entre parêntesis ou suspenso. Ao contrário, o virtual é o que ecoa na ressonância, ele representa o poder do retido, do traço mnésico orgânico-psíquico, posicional e impressivo. Mas, nesta condição, ele é simultâneo na sucessão não como um conteúdo sobreposto a outro, caso em que

se cairia em contradição, mas como a expressão orgânico-psíquica da posicionalidade. Dizemos que não se trata de um conteúdo consciente sobreposto a outro, mas também não é uma forma pura dissociada da vivência.

A dimensão virtual destes traços mnésicos garante-lhes uma certa idealidade, uma relativa independência em relação às impressões que se desenrolam no fluxo das impressões. É isso também que explica a sua retomada consciente e intencional ou não. Se o tempo sensorial fosse integralmente linear, por conseguinte, apenas sucessivo, as recursões e retomadas seriam inexplicáveis. É evidente, por outro lado, que as recursões e retomadas se desenvolvem num tipo determinado de sucessão. Isto por si só é também pouco esclarecedor. Portanto, para fazer jus a esta simultaneidade na sucessão e à reflexão do tempo sensorial sobre ele mesmo é preciso conceber formas multilineares que estão longe da sucessão segundo o conceito vulgar de tempo.

Em tese geral terá de se sustentar a ideia de que o tempo não adere inteiramente à forma da sucessão tal como a concebemos ordinariamente. Por si só a sucessão de instantes não define o tempo.

Até aqui vimos como o processo sensorial ligado ao sistema sensório-motor leva as impressões de pontos temporais a outros pontos temporais acompanhando o seccionamento das próprias sensações e preenchendo os limites conectivos. Mais complexa ainda parece ser a retomada da imagem na memória e antes de tudo na memória associativa mais básica.

Não é válido separar de modo abstrato o processo sensorial na sua base sensório-motora de tipo aparentemente mais irreflexivo e as formas reflexivas do mesmo processo sensorial que envolvem mecanismos e processos de retomada e fixação de imagens graças à auto-observação. A articulação dos aspetos reflexivos e dos irreflexivos tem também consequências no tempo. Afirmar que a sensação é um processo imediato sem reflexão interna é inexato por tudo o que temos vindo a referir, em especial no que se relaciona com a articulação interna de elementos do sistema sensório-motor e da imaginação. A mediação do imediato é a categoria mais conveniente para compreender a relação entre sensibilidade e imaginação no processo sensorial e no sistema sensório-motor. A observação pode ocorrer no processo sensorial mesmo na ausência de percepção consciente do ato de observar por um sujeito dotado da forma da consciência intencional. Por isso, o conceito de reflexão

usado para referir a retomada da sensação na progressão sensorial é diferente do conceito de reflexão objectivante da atitude intelectual sobre a experiência.

Os elementos reflexivos no processo sensorial estão ainda relacionados com a repetição do mesmo nos fenómenos de ressonância e são facilmente reconhecidos quando descrevemos retrospectivamente uma sequência sensorial como uma sequência trans-seccional com os seus ligamentos e nexos imaginários. Aqui, acede-se a um tipo de ligação *a posteriori* das séries sensoriais que resulta de seleções mnésicas. As seleções mnésicas podem estar associadas ao tipo de impacto emocional das séries ou de secções das séries que faz com que determinada sequência seja selecionada de uma determinada maneira com base num determinado sentido imaginário em vez de outras escolhas possíveis. É preciso atribuir às emoções todo a sua importância na reconstituição de sequências. Elas possuem um grande peso na organização da narrativa sensorial e introduzem o tema da velocidade da sucessão na nossa investigação.

Emoções

As emoções exprimem efeitos da base sensório-motora novamente sob ponto de vista sensório-motor. É evidente que estamos aqui perante uma causalidade circular que implica reflexão. O carácter quase automático da relação entre as respostas emocionais e a dimensão cognitiva do processo sensorial torna pouco evidente a separação entre aspetos cognitivos e emocionais da sensação, muito embora sejam sequências diferentes.

As emoções, o processo sensorial e o sistema sensório-motor desenvolvem-se articuladamente. As emoções podem descrever-se como respostas do organismo a efeitos localizados na sensação e no sistema sensório-motor mas dependentes da percepção interna e, por conseguinte, da autorreferencialidade do sistema psíquico. O interior e o exterior são aqui, como também já eram no processo sensorial, efeitos de reflexão recíproca. Essas respostas em que o organismo reflete a experiência refletindo-se a si mesmo voltam a aplicar-se ao processo sensorial e ao sistema sensório-motor. Uma tal retroação não implica qualquer conceção forte do *self*, quer dizer, não é necessário atribuir outro valor ao eu diferente de uma função expressiva da autorreferência, mas direta e imediata, do psiquismo. Em geral, abstraindo da variedade dos tipos de emoções, as respostas emocionais são índices da

autorreferência do acoplamento psíquico-orgânico para o processo sensorial e sensório-motor. Um deles comporta-se mediante o que regista do outro, implicando por conseguinte um diferimento temporal.

Pelas emoções o organismo alinha formas internas e externas do processo sensorial, estrutura hábitos e regras das respostas psíquico-orgânicas e hierarquiza mediante antecipações os indicadores de risco e níveis de alarme para o organismo. Em todas estas operações que parecem diretas e imediatas há vários mecanismos reflexivos que implicam imagens, o poder de ligamento das imagens sensoriais e a duração temporal. As emoções processam-se a partir de imagens e não diretamente a partir de impressões e só se reportam a impressões mediante o que conservam dos traços da ressonância projetiva das imagens sensoriais. Por isso, as disposições emocionais da unidade psíquico-orgânica implicam também uma orientação temporal que assenta na ressonância projetiva e não na forma neutra da sucessão segundo o antes e o depois. Na medida em que as emoções laboram com sequências imagísticas elas podem relacionar-se com a sucessão temporal de um modo ideal não tendo de gerar as sequências das vivências imediatamente na flecha do tempo. *É esta posição ideal que torna possível às emoções pressionar ou aliviar a pressão da sucessão temporal na autoafeção.* A idealidade emocional, que nos parece o contrário do que uma emoção habitualmente representa, é o que garante o estatuto de regulador interno da energia psíquica ao sub-sistema sensório-motor-emocional.

As emoções mais elaboradas refletem o tempo e lidam com a reflexão do tempo dos mais diversos modos, desde retenções, a diferimentos ou dilatações da duração mediante revivências, até às antecipações por projeção. O mais significativo está em que as emoções representam de um modo forte o nexos entre auto- e heterorreferência do sistema sensório-motor de um sistema psíquico. A emoção é um nexos entre a individualidade do sistema psíquico e as dimensões orgânica e sensório-motora em que os fenómenos de aceleração ou travagem da duração interna assistem e acompanham a organização imaginária das sequências sensoriais. O facto de a presença da emoção gerar mais emoções ou intensificar uma emoção prévia significa que o arranjo emocional pode ter uma sequencialidade própria e várias retomadas, como o emocionar-se com a emoção, ou gerar encadeamentos de

sentimentos ligados aos estados emocionais com consequências orgânicas num processo contínuo de reflexão circular (*feed-back*). Estas possibilidades não significam outra coisa a não ser que também nas emoções há o equivalente à ressonância projetiva. Os vários desenvolvimentos possíveis de estados emocionais determinados dependem da recursão da emoção de disparo. Nada aqui tem o valor do tempo neutro em que os instantes ao passarem trazem o novo, mas trata-se, antes, de retomadas ou da repetição do idêntico no posterior.

A forma temporal que resulta do dispositivo sensório-motor e emocional é de uma grande complexidade, baseia-se em diferentes pontos na causalidade circular e em ciclos de *feedback* em que o movimento, o processo sensorial propriamente dito e a ressonância projetiva nos ligamentos das secções, baseada em imagens, se refletem.

Com a introdução das emoções no circuito sensório-motor a admissão da causalidade circular torna-se forçosa e a perspectiva do tempo mono-linear do antes e do depois ainda mais problemática. É o próprio tempo que se torna plástico e sujeito a moldagens mediante a introdução do sub-sistema sensório-motor-emocional.

A dimensão emocional expõe o carácter reflexivo e circular do processo sensorial, na medida em que torna evidente o facto de o tempo sensorial estar ancorado em ciclos e não apenas no fluxo neutro da sucessão. De facto, a emoção revela o sentido imaginário dos próprios nexos sensoriais, o seu apoio no fantasma e nos traços mnésicos da ressonância projetiva, particularmente quando referimos a emoção sobre emoções. Com as emoções aproximamos, portanto, também, de um nível de constituição do sistema psíquico em que pode vir a operar a consciência objectivante e a auto-observação dos conteúdos da consciência e em que a retomada reflexiva de tipo intencional dos estados de consciência é sempre possível.

De facto, as emoções geram orientações definidas e mais concretas para o sentido cognitivo das vivências formando, reproduzindo e excluindo seleções. Graças à afetividade e às respostas emocionais se torna possível rodear o processo sensorial de um halo de intencionalidade. Este último vai ter sobretudo um valor de direcção do processo sensorial, em que se discrimina cursos a fixar, a evitar e inclusivamente a oportunidade de retomadas. As emoções permitem assim que o sistema psíquico se organize espontaneamente à luz de relevâncias que não possuem um valor

diretamente relacionado com o curso das impressões sensoriais mas que se originam na reconfiguração virtual destas.

As emoções ligam o seu poder reconfigurador das sequências sensoriais às indicações de pressão e carga do sistema psíquico. O mérito de Freud foi ter exposto em pormenor a influência da percepção dos níveis de energia no aparelho psíquico na modificação do valor cognitivo emprestado às sequências sensoriais e às respetivas imagens. Percebe-se, então, como as imagens estão encadeadas umas nas outras e nas impressões segundo regras energéticas e não apenas cognitivas ou motoras. Aumenta assim a complexidade da descrição dos elementos da atividade psíquica nas suas sequências e modulações.

Mas à medida que vamos reconstruindo os níveis da atividade psíquica vamos tomando conta do seu caráter virtual e virtualizador. Verifica-se que o sistema psíquico ao processar informação sensorial está estruturalmente articulado com o movimento no suporte sensório-motor e com a abertura limitada que ele tolera. Como vimos, a sequência sensorial desenvolve-se projetando sempre os elementos seguintes mas de tal modo que os efeitos de latência e de ressonância se vão adensando. Nos níveis complexos da experiência interna, sensório-emocionais, deixa de se poder identificar o dado imediato, impressivo, dessa experiência, para se ter diante dos olhos uma composição feita de recursões de elementos sensoriais, sensório-motores, imaginários e emocionais. A combinação de aspetos latentes e projetivos da experiência torna esta composição no equivalente a uma memória projetiva do processo sensorial, ou seja, em algo de semelhante a uma narrativa das vivências psíquicas. Para que esta orientação narrativa tenha efetivamente lugar a maturação dos elementos da composição psíquica tem de gerar um meio-ambiente interno do próprio sistema psíquico, de tal modo que é possível referir-se a experiência como um objeto ou um tema. Cada um refere a sua experiência interna como se ela pudesse ser isolada da própria referência em que é tomada e refletida. Posso assim tomar a minha emoção ao escutar uma melodia como um objeto interno, algo que é meu, que é dotado de tons variados, intensidades acústicas diferentes, distintas respostas emocionais que no entanto estão encadeadas, uma sequência e duração determinadas, mas de que eu disponho como de um tema e de que me posso servir para reviver a experiência respetiva. Claro que não é a experiência original a que agora acedemos mas ao seu sentido conservado na forma virtual. A

objetivação não se refere aqui a um objeto do mundo exterior, mas à própria orientação da experiência interna para os elementos transfigurados em imagens. Na sua forma objetivada, a consciência de imagens não é portanto idêntica ao próprio processo sensorial ou sensório-emocional mas representa já uma modificação que depende do desdobramento dos elementos da consciência em uma parte que coincide com a atenção atual e outra que se refere ao sentido virtual da vivência.

Por outro lado, como se referiu passageiramente, a camada emocional do processo sensorial torna patente o tempo como sucessão acelerada ou retardada, em variadas expressões da aceleração e do retardamento, o que nos impõe uma abordagem da velocidade sensório-emocional. O sentimento de que no medo o tempo urge, a impressão de que a serenidade de espírito está relacionada com o contrário, com um haver tempo, são fenômenos da percepção interna do tempo e por isso já ligados à sua imagem psíquica. A imagem do tempo faz parte da organização imagística e narrativa do processo sensório-emocional. No reviver da melodia não é apenas a sequência acústica, a diferença de notas e o encadeamento que se apreendem mas é também a própria duração, a imagem do tempo (i/t), que se sujeita à repetição. A sua reinscrição psíquica para um novo investimento emocional nunca coincide com o original, nem é essa coincidência que é procurada, mas sim a forma ideal do seu sentido, ou seja, a narrativa do processo sensorial novamente encadeada na sensação.

Não obstante a forma que adquire a consciência objectivadora, baseada na imagem e responsável por um meio-ambiente psíquico interno, importa sublinhar o caráter interno e contínuo que vai desde o processo sensorial na sua gestação à reelaboração na consciência de imagem. De um ao outro parece não haver uma interrupção brusca, mas a impressão da continuidade de um fluxo, como se da escuta inicial da melodia eu passasse à rememoração idealizadora, das emoções iniciais à reprodução das emoções e da duração primitiva à imagem do tempo. Esta ilusão de continuidade, esta aparência de um ir gradual de uma vivência a outras vivências foi o que garantiu longevidade à tese da identidade entre a forma da consciência e a forma da sucessão. E, no entanto, há nisto uma distorção que consiste precisamente em não ver que a consciência é heterogênea. Ainda aqui a música nos serve de apoio e ilustração. Não apenas o *continuum* melódico, mas sempre, e primeiramente, a ressonância

do anterior no posterior ou a metamorfose do idêntico, depois ampliações, encurtamentos, recursões, enrolamentos, ciclos e pulsações - é de tudo isto que é feito o processo sensório-emocional e a consciência dele.

O um-após-outra da observação vulgar do tempo é uma forma da sincronização originada na sequência interna mas é já distante da sucessão do processo sensorial e sensório-emocional. Essa sucessão neutra representa a objetividade e a possibilidade de comunicar acerca de vivências psíquicas na forma de objetos, mas não nos indica nada sobre como se dão essas vivências na experiência interna.

A sucessão neutra representa a forma da referência a acontecimentos e indica pouco sobre a estrutura sequencial do próprio processo sensorial, que afinal é muito diferente de um suceder-se de acontecimentos de igual valor. Por isso dizemos que a sucessão temporal neutra depende da consciência de imagem do tempo e da objetivação, nesta, do tempo sensorial segundo condições emocionais bem definidas. A imagem da sucessão representa então o tempo como meio-ambiente do processo sensorial de um sistema psíquico emocionalmente estabilizado - é o tempo-objeto.

Formas

O tempo-objeto forma-se como imagem objetivada do processo sensorial. Aqui, em vez de nos situarmos no encadeamento interno dos momentos desde o sensório-motor até ao sensório-emocional, ao longo das suas modulações, temos apenas a forma vazia da ligação de instantes que correspondem a acontecimentos nas vivências psíquicas, também objetivados e identificados a partir da consciência de imagem.

Esta sucessão não é já a processão interna dos elementos de um sistema psíquico individualizado a partir da posição do corpo próprio no movimento, ou seja, não representa o nexa interno irrepetível das minhas vivências que começa no fracionamento sensório-motor do meu campo de visão, no seccionamento individualizado deste último, nas suas implicações no modo como passei de limites seccionais para outros, e que se prolonga na vida emocional mais complexa. Em vez disso encontramos a perspectiva formal da causalidade, que desde o pensamento aristotélico serviu para definir a estrutura do tempo.

Este tempo objetivado segundo a forma do antes e do depois da causalidade é, por conseguinte, primeiramente, *imagem do tempo*, elaboração virtual da processão do processo sensorial e sua conservação em imagens. A dimensão da latência e os efeitos da conservação da latência na geração das imagens é fundamental nesta gênese da forma virtual do tempo-objeto, mas o tempo como imagem de si próprio é a negação da dependência da sucessão em relação à latência, pois tem de conceber todos os instantes como formalmente equivalentes. Pode mesmo dizer-se que na negação do poder da latência está em larga medida a fonte desta forma do tempo. A partir da imagem da sequência do processo sensorial que, como vimos, é um aspeto integrante do próprio processo, é possível retomar a sequência na forma da sua objetivação.

O diagrama seguinte ilustra uma sequência do processo sensorial (s/s) do momento hipotético s_1 a outro s_2 que ao retomar-se a si mesma na consciência de imagem estabelece um equivalente imagístico (i/s).



Continuadamente, o sistema psíquico projeta ressonâncias, retém imagens de ressonâncias e apropria sequências baseadas em imagens de ressonâncias.

É este o seu modo de operar. A retomada das imagens associada a emoções conscientemente dirigidas a sequências favorece a constituição de objetos internos como é o caso destas imagens de sequências sensório-emocionais.

Nesta progressão, a forma imagística nunca substitui completamente a pulsação da ressonância. A imagem do tempo devolve na estrutura causal o sentido da eficiência interna da processão sensível, o poder da ressonância projetiva. A noção antiga de força para descrever o poder da causa exprime de um modo ainda primitivo esta concatenação entre a ressonância projetiva na atividade sensorial e a forma da relação causal entre o antes e o depois. A modernidade não vai manter esta conceção da influência de “forças ocultas nos fenómenos”, sobretudo depois da crítica de D. Hume às versões clássicas da substância e da causalidade. Os modernos tornam por isso mais evidente ainda o carácter formal do tempo e a sua subordinação à observação da experiência. A forma do tempo segundo o modelo da sucessão do

antes no depois não corresponde exatamente à natureza das conexões dos elementos da experiência interior. Não representam o mesmo tipo de nexos. A forma do tempo e a da causalidade nela formada abstrai da dimensão a que chamarei *rítmica* do nexo dos elementos da progressão sensorial da experiência interna.

Ritmo quer dizer uma heterogeneidade regulada nos elementos de uma progressão. Há ritmo sempre que na disposição de uma progressão as durações e intervalos ocupados pelos elementos são diferentes, há repetição e recursão do idêntico na repetição e sempre que é necessário percorrer uma parte significativa da sequência para perceber a identidade do seu sentido e a ordem da repetição. Uma parte importante destas condições se reproduz na experiência interna e na progressão sensorial, mas sobretudo na progressão sensório-emocional. É claro que a forma objetiva do tempo não conserva esta heterogeneidade e tem mesmo de a eliminar. Por isso dizemos que na forma do tempo não há ritmo.

A origem do tempo, como forma sequencial objetiva, está no desenvolvimento que vai desde a faceta virtual do tempo como objeto interno, em que se identificam acontecimentos em sequências, até ao tempo público. O tempo radica, portanto, na sua génese na sensibilidade, no sentimento subjetivo da duração, sem qualquer dúvida. É este sentimento que primitivamente nos indica a relação entre sequências, intervalos, quantidades e intensidades na progressão sensório-emocional. A memória conserva não apenas traços imagéticos das impressões mas também traços dessa duração. Uma tal imagem interna do tempo corresponde ao que se descreveu e chamou tempo psíquico ou *durée*. Esta designação seria adequada para indicar uma sucessão de elementos entrecruzados e dispostos em fileira contínua na progressão sensorial. Mas vimos como esta última é mais descontínua, recursiva e projetiva do que aquilo que se pode exprimir na continuidade da duração. Não pode ser a experiência interna da progressão sensorial concreta a fonte do tempo sucessivo da conceção vulgar, mas outra coisa. Isto significa que não podemos avançar diretamente da experiência interna da progressão sensorial para a forma da sucessão do tempo na aceção vulgar. A linearidade da forma da sucessão que baseia o tempo público é uma construção que não obedece a condições estritamente psíquicas com base na progressão sensorial ou sensório-emocional. Mas como é que uma coisa pode ser ou tornar-se na imagem da outra?

A formação dos objetos internos está também na fonte da formação do tempo como objeto interno, tal é a nossa hipótese.

O tempo como objeto é uma representação contraintuitiva, pois nos habituámos a perceber os objetos *no* tempo. É no entanto perfeitamente possível apreender o tempo como objeto e é isso que deve ser concretizado se quisermos entender o modo reflexivo de nos orientarmos para a progressão sensório-emocional na experiência interna. O tempo como objeto é a disposição das impressões umas depois das outras. Ao contrário do que nos parece intuitivo, esta disposição é produto de uma reflexão, da memória e nada possui de original na experiência interna. Temporalizar a experiência interna, a progressão sensório-emocional, é um segundo efeito reflexivo que vai da forma do tempo-objeto novamente para a progressão. É assim que dispomos *no tempo* as diferenças qualitativas da experiência interna. Revemos aqui uma circularidade de que podemos dar provas na própria progressão sensório-emocional entre processos reflexivos e outros que são ponto de partida ou objetos da reflexão. O tempo na experiência interna está articulado nesta relação circular entre elementos que pertencem à corrente da progressão sensório-emocional e os objetos ou formas internas. O tempo é, então, fluxo e objeto, corrente e forma num ciclo reflexivo. Mas a organização temporal da experiência interna manifesta uma característica que é necessário sublinhar mais uma vez.

O que se fixa mediante a dupla reflexão do tempo não anula a divergência entre a forma do tempo e os efeitos da ressonância projetiva. Esta diferença pode ainda refletir-se na duração e uma vez mais na forma do tempo. A diferença entre a forma do tempo e a repetição do idêntico, na ressonância, revela-nos como na identificação reflexiva das qualidades da experiência sensorial ou dos acontecimentos nas vivências há sempre mais do que aquilo que é identificado a partir da forma temporal e da sua sincronia entre qualidades apercebidas e momentos da sucessão (qSt = qualidades simultâneas aos momentos no tempo).

Há, portanto, uma divergência, no próprio tempo, entre o que o tempo conserva e a identificação do conservado nos momentos da sucessão. Devemos acrescentar que é esta distinção que alimenta a duração, que lhe dá espaçamento interior. O que o tempo conserva da progressão sensório-emocional está necessariamente articulado com a latência e virtualidade da ressonância projetiva e por isso se refere a um lastro, a uma

repetição e a um tipo de identidade que nunca são contidos na sincronia do instante.

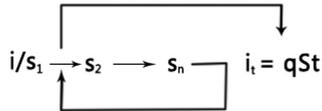
De facto, a progressão sensório-emocional reflete dimensões qualitativas e energéticas da experiência interior que possuem forças diferentes no seu impacto no sistema psíquico, nas intensidades, no urgir ou na perseverança dos traços.

Esta vida interior resultante da heterogeneidade dos elementos de base sensório-emocional não pode deixar de ter influência na organização da duração e no modo como a forma do tempo integra as qualidades ou os acontecimentos nos momentos. O que é identificado no tempo, nos momentos t_1 , t_2 , t_3 , t_n ... como qualidades sensíveis da experiência ou mesmo como acontecimentos não está completamente desligado da corrente de energia psíquica que liga as vivências nem da ressonância projetiva que articula as secções. No entanto, o que o tempo como forma reflete não é essa energia projetiva contínua.

Teremos de distinguir, portanto, entre dois tipos de recursões no sistema psíquico. Um primeiro tipo corresponde às recursões conectivas que mantêm a integridade da relação entre o sistema sensório-motor e a progressão sensorial. Com base em recursões conectivas o anterior numa sucessão projeta o posterior da mesma sucessão. Mas há um outro tipo, que consiste na garantia da retomada mediante a objetivação do anterior na sucessão, que presume a divisão entre a progressão sensorial e o que esta contém como seus conteúdos ou objetos. Esta última forma de retomada corresponde a uma reflexão que cria um domínio diferenciado de outro, como o interior do exterior. A Teoria dos Sistemas inspirada em N. Luhmann reconheceu aqui, neste último tipo, a forma da observação. Há uma articulação genética entre a recursão conectiva e a recursão objectivante ou adiabática? Esta questão traz consigo um desafio analítico, a que vamos regressar mais adiante.

Ambas as mediações que referíamos atrás, a energética e a projeção, nos levam a uma atenção mais crítica sobre a noção vulgar de atualidade e, aqui, ao exame da constituição da simultaneidade ou sincronia entre a forma do tempo, o instante, e as qualidades sensíveis. O momento é definido como a relação entre a forma do tempo e o seu conteúdo ou objeto. No tempo t_1 ocorre que “chove” ou “faz frio”. Esta unidade dualizada acompanha toda a representação do que suceda na duração. Há, portanto, uma necessária orientação da forma temporal para o seu correlato. Porém, esta orientação é já fruto da dupla reflexão circular do tempo

e, por conseguinte, está em atraso em relação aos efeitos da progressão sensório-emocional. Dizendo-o de outro modo, a orientação da forma do tempo para os seus correlatos implica a dissipação ou neutralização da heterogeneidade da experiência interior nas diferenças do urgir, do persistir ou do aguardar. A forma do tempo orientada e polarizada pelos seus correlatos exprime a simultaneidade na duração (qSt). Só há a forma do tempo uma vez reunida esta condição. A forma do tempo coincide no diagrama com a imagem do tempo (i_t) e é a esta que se deve a simultaneidade (S) da qualidade sensível (q) e do momento na sucessão (qSt).



A oposição tradicional entre simultaneidade e tempo tem de ser retificada. Não pode haver momentos na sucessão sem a sincronia da forma temporal com os conteúdos da progressão sensório-emocional. Esta coincidência, a unidade dualizada da forma do tempo, não só significa neutralização das possibilidades efetivamente ocorridas na experiência interna como também dissipação da sua força. Esta característica da temporalidade costuma estar associada à opinião de que o tempo esquece. O que à sua maneira é verdadeiro e profundo. O esquecimento é contudo, logo de princípio, a consequência da seletividade do momento e da sua simultaneidade ou sincronia. Independentemente de o tempo na sua passagem implicar o desvanecimento da fonte, a sincronia do instante e do seu objeto é já, em si, esquecimento. É uma ilusão acreditar que a progressão sensório-emocional é conservada nos momentos do tempo ou que essa progressão coincide com a passagem dos instantes. O tempo é uma forma reflexiva do esquecimento e para ela emergir é necessária duração interna, o que significa que não existe forma temporal sem o tempo da emergência do tempo.

Dizendo-o de outra maneira, qSt implica a fase final do ciclo reflexivo quando a forma do tempo é usada para distinguir acontecimentos e qualidades da experiência sensorial da experiência interna. Mas qSt nunca é a sincronia que aparenta. É já uma construção que supõe a eficiência temporal da ressonância projetiva e uma deslocação relativa entre esta e a própria forma temporal.

A estrutura mono-linear da forma do tempo ($qSt_1 \rightarrow qSt_2 \rightarrow qSt_3 \rightarrow qSt_n$) vem, portanto, negar e substituir a multiplicidade e multilinearidade real da experiência interna, a sua heterogeneidade e plethora de possibilidades, que põe em risco a determinação da unidade dualizada por sobredeterminar a simultaneidade com as possibilidades.

Devemos perceber, por isso, como se conclui esta retro-ação da forma temporal sobre a progressão sensório-emocional e a inclusão desta nos blocos sincrónicos em que o tempo se distribui. Uma tal retro-ação implica perdas, reduções, estreitamentos, exclusões na multiplicidade sensório-emocional, a favor de uma determinação o mais transparente possível da simultaneidade. O espessamento da progressão sensório-emocional que a um dado ponto se torna incompatível para a percepção interna e para a formação das imagens da própria experiência é assim dominado e drasticamente restringido e simplificado.

O que chamo *forma sensível* resulta de nexos na percepção interna da retro-referência da reflexão temporal sobre a progressão sensório-emocional. As formas sensíveis são representadas no tempo, integram elementos com valor cognitivo na progressão sensorial e referem-se a respostas emocionais. São, assim, imagens completas da experiência interior. É por elas que conhecemos esta experiência, que a retomamos e a referimos do ponto de vista temático ou em objetivações mais simples e imediatas.

A experiência interior está encadeada em formas deste tipo. Tudo parece desenvolver-se “no tempo”, ou seja, tendo a forma temporal como continente, assumindo a simultaneidade qSt e seguindo o traço de união entre qualidades sensíveis e emoções, qSe . A própria forma do tempo se parece poder estabelecer nestenexo entre qSt e qSe . Compreende-se ainda a partir do mesmo nexo a relação circular entre as formas sensoriais e o sistema sensório-motor. A partir do patamar de reflexão da experiência interior que é a forma sensível a relação do corpo com o movimento pode ser novamente articulada. Neste nível, a articulação entre os dados da experiência interior e o sistema sensório-motor não possui o mesmo sentido que na progressão sensório-emocional e, no entanto, os dois sentidos se sobrepõem. Os ciclos de causalidade circular da experiência tornam-se mais complexos em virtude da sobreposição mas da frequência e repetição se segue o seu comportamento estável e previsível.

A forma sensível dirige a diversidade segundo sincronizações que impõem a simultaneidade aos elementos da experiência. Mas na ordem da sua gênese esses elementos não estão alinhados segundo essa simultaneidade, como vimos. Na sua fonte está o poder virtual da latência que não pode ser sincronizado integralmente mas que não cessa de produzir efeitos. Na modalidade simbólica da temporalidade histórica encontra-se também a ressonância projetiva, o retorno do idêntico e o poder da latência a sombrear o presente, cujo exame é demasiado complexo para se desenvolver aqui de um modo completo.

Se a forma sensível deve a sua capacidade de integração da experiência à simultaneidade da forma temporal, em qSt e qSe, o latente continua, não obstante, a operar, trazendo sempre, de novo, a repetição do idêntico ao coração do tempo mono-linear. É assim que o possível atravessa a atualidade coincidindo e não coincidindo com ela. Do mesmo modo que há uma sucessão temporal fundada na regra da sincronia e da simultaneidade da forma do tempo e das formas sensório-emocionais há também um progredir da latência, como uma história da potencialidade. O facto de esta última se articular virtualmente não lhe retira eficácia. O que importa pensar é precisamente esta eficácia da história da potencialidade. Seria um erro reduzir a causalidade ao nexó entre dois acontecimentos identificados na regra da sincronia da forma temporal. Não se pretende restaurar os pretensos méritos da ideia antiga de força, mas mostrar como a atualidade do acontecimento está sempre encurvada para a fonte da latência. A retenção emocional das formas sensíveis no sistema psíquico ou o reinvestimento psíquico das imagens da experiência revela essa persistência do anterior que constantemente atua na construção do tempo sincrónico. A forma sensível baseia-se na forma do tempo para ao mesmo tempo reter e negar a ressonância projetiva, como se pudesse contrariar a persistência do idêntico e a estrutura recursiva da orientação sensório-motora. É-lhe necessária essa negação e o seu próprio encobrimento na medida em que o que a forma sensível modula e orienta no sistema psíquico é a sincronia dos fluxos e dos elementos da experiência interna, de modo a torná-los identificáveis. Esta identidade sincrónica típica dos acontecimentos leva à suspensão da avaliação emocional da duração ou à sua substituição pela pretensa neutralidade do acontecer em que não há pressão interna, aceleração ou retardamentos, como se o tempo não tivesse velocidade. Mesmo quando a identificação sincrónica reúne os

aspectos sensoriais e os emocionais numa imagem completa do acontecimento interno, como unidade sensório-motora-emocional, fá-lo segundo o modo da referência neutralizada baseada na consciência de imagem, como uma denotação.

Quer dizer que a forma sensível é um objeto interno na aceção mais própria do termo, ou seja, uma coisa posta na sua independência em relação à progressão sensório-emocional na sua multiplicidade, destacada desta última, isolada e identificada segundo caracteres definidos num fluxo (ou meta-fluxo) em que outros objetos se posicionam de semelhante forma.

A forma sensível é um resultado da abstração do sistema psíquico relativamente à pressão interna e aos traços da progressão sensório-emocional. A sua abstração deve-se ao cumprimento de duas funções complementares: em primeiro lugar, contribui para a estabilidade do sistema ao condensar num núcleo mais definido as possibilidades efetivamente processáveis pela consciência na sua progressão; em segundo lugar, articula a corrente sensório-emocional em uma corrente de imagens garantindo assim outro nível de desenvolvimento e articulação da conexão dos elementos psíquicos. Assim se liberta a forma sensível do poder de ligação da ressonância projetiva, embora fique com o encargo de gerar outro tipo de contexto para a relação dos objetos internos entre si. Não interessa saber se estas formas sensíveis coincidem com objetos fora da mente para descrever os seus nexos. Esta é outra questão. Essas formas são geradas no sistema psíquico a partir de condições psíquicas do relacionamento de elementos psíquicos. O que lhes dá uma densidade própria e um certo grau de autonomia é o tipo especial de retomada reflexiva que as caracteriza e diferencia da retomada específica da ressonância. A retomada reflexiva repete o anterior na modalidade de objeto, de coisa; a retomada da ressonância repete o anterior como o que se impõe em um ligamento interseccional, representando o que projeta a continuidade segundo a relação entre movimento, a posicionalidade e a sensação. A primeira retomada leva-nos às formas do pensamento e desvia-nos, por conseguinte, desse caos relativo do mundo sensível, dessa exuberância sensório-emocional, nas suas possibilidades e ressonâncias.

O que a vida projeta desde as formas elementares da progressão sensório-emocional não é exatamente o que o pensamento da vida concebe, não obstante a vida continuamente se conceber a si mesma. Este conceber-se a si mesma não equivale a

um viver, a um sentir e a um perceber-se situado na diversidade de posições das ressonâncias projetivas. É para esta diferença entre sentir e conceber que se tem chamado a atenção ao longo deste estudo.

Sentir e conceber representam tipos particulares de conexões entre elementos. Não obstante, não se deve cair no erro de achar que entre elas não se formam várias articulações. O essencial deve residir em conseguir reconhecer de que maneira a conexão do sentir transgride a própria sensação na sua processão posicional para se tomar a si mesma como referência. Se descobrirmos este nexos também descobrimos de que forma a sensação se liga com o pensamento. Do que enunciámos atrás se deve concluir que é da forma do tempo que pode vir alguma luz para esta dificuldade. A forma do tempo parece assegurar a relação entre o que no sentir é a continuidade não reflexiva da posicionalidade corpórea do sistema sensório-motor, articulado com o movimento, e a construção reflexiva da identidade do sentido e percebido, em qSt, dependente dos *ficta* dos traços mnésicos. Por isso, vemos na forma do tempo a curva em que a sensação se dobra para coincidir com o pensamento sem nunca se perder nele nem destruir a sua consistência. O poder da forma do tempo consiste em reduzir as possibilidades reais da progressão posicional da sensação na simultaneidade do idêntico (qSt) dos êxtases da sua corrente, mantendo a impressão de um fluxo uniforme.

O pensamento opera com denotações segundo nexos equivalentes à causalidade, implicando portanto a forma temporal. A orientação do pensamento para a sua denotação reflete a orientação do fluxo sensorial para a simultaneidade da forma temporal. O pensamento na sua orientação denotativa para o que se oferece na sincronia da forma temporal se aproxima da relação triádica do signo, descrita por C. S. Peirce, justificando-se por isso a tese de que “todo o pensamento é signo”. Um tema em aberto é o de saber como é que no pensamento se projeta ainda o campo das possibilidades da experiência sensível. Mas é inegável que a conservação da vida sensível no pensamento não se concretiza sem esta articulação com a forma temporal com tudo o que ela implica de recomposição da sensibilidade. O caráter ideal da forma do tempo e da sua sincronia é o meio mais adequado para o desenvolvimento do pensamento e é a garantia do valor idealmente objetivo da sua referência.

Pensar não é articular a experiência interior na sua potencialidade, deixando-se guiar pela pulsação desse mundo sensível mas conceber as relações dos objetos temporais. Nesta medida falar-se em pensamento sensível seria muito arriscado e mesmo paradoxal. Há no pensamento uma distância ineludível em relação à motricidade sensorial, que explica por que razão sabemos intuitivamente que pensar não é sentir. O pensamento depende de tal modo da ligação das formas sensíveis à forma geral do tempo que aquilo que o define é a capacidade de retomar e fixar de novo o que emergiu como objeto interno no tempo. A frase declarativa na sua fixação indicativa do idêntico no tempo foi o modelo milenar da forma do próprio pensamento. Não há nela qualquer dimensão virtual, nenhum possível a sombrear o atual, mas apenas esta atualidade apontada, referida, marcada na sua evidência. É uma atualidade caracterizada pela abstração da ressonância projetiva da progressão sensorial, em que desta apenas resta o objeto indicado na sua imobilidade na secção temporal correspondente.

No pensamento, a consciência individual alcançou um limite em que o seu sentido se comunica na linguagem. A ilusão gerada em redor desta transmissibilidade torna-se evidente quando julgamos poder representar o sentido do pensamento comunicado pela linguagem como *o mesmo* na experiência interior dos locutores. Ora, esta identidade não está na experiência interior ou na faceta psíquica das representações e da sua individuação, mas em alguma coisa de distinto. A identidade do representado reside na relação entre a forma da representação e o seu *denotatum*. Este não é uma coisa no mundo empírico dos objetos mas simplesmente o outro pólo da representação. Da forma da representação faz parte a forma temporal, ou seja, a sincronia qSt. A representação revela o objeto do pensamento nas suas conexões já orientado para a frase na sua própria disposição, que inclui o tempo. O *denotatum* não pode ser separado da estrutura em que os nexos do pensamento se revelam para indicar “alguma coisa como...”. O modo em que o *denotatum* é expresso é parte da representação, na medida em que não é possível representar algo sem o seu como ou sem a estrutura da representação. É pelo facto de seguirmos aqui a representação na sua complexidade não apenas psíquica mas também já linguística e ideal que consideramos que há vantagens em não se falar em representação ao nível da experiência sensível.

A representação ao nível do pensamento organizado segundo as estruturas da organização frásica da linguagem é uma

das formas mais afastadas da progressão sensório-emocional. Não devemos supor um isolamento entre esta progressão e a representação na esfera do pensamento. A circularidade entre pensamento, forma linguística e experiência sensorial é constante, muito embora estes níveis de concretização da vida psíquica não obedeçam ao mesmo tipo de encadeamento da experiência. A forma temporal é um tipo mediador mas não anula as diferenças. Ao contrário, a forma temporal adquire moldes próprios consoante se desenvolve na progressão sensorial, se subordina às emoções ou se adequa às exigências da representação no pensamento.

Um exemplo desta resignificação do tempo está no que designarei por nominalização do tempo à luz do pensamento e da linguagem. A flecha do tempo e os êxtases temporais adquirem o valor de signos da duração quando se desenvolvem ao longo da expressão do pensamento e da linguagem. Um efeito ulterior da resignificação do tempo no pensamento se encontra no tempo público propriamente dito, o “tempo dos relógios”, que é o tipo mais evidente de uma *semiosis* da temporalidade ou do uso do signo do tempo para referir o tempo, que só é possível na forma do pensamento. Sigamos, brevemente, a linha principal desta génese.

A construção completa do tempo requer duração. Expliquemos esta ideia já anteriormente enunciada. A forma temporal é um efeito da curva reflexiva que leva a progressão sensório-emocional à coincidência com as divisões do tempo. Sem esta coincidência não há adesão entre forma do tempo e as formas da experiência sensorial. Estas últimas não refletem diretamente aquela. Embora a maior parte das vezes não nos apercebamos do carácter refletido e amadurecido desta conclusão do plano sensorial no temporal trata-se realmente de reflexão e de um produto reflexivo e de amadurecimento interno da experiência. O tempo interno acaba por refletir esta conclusão mas uma observação atenta revela aqui uma história da reflexão e, por conseguinte, o efeito do tempo da curva reflexiva do tempo sobre a sensação. O tempo como resultado de uma tal curva reflexiva é uma construção da história da experiência.

Um resultado reflexivo como este reforça-se a si próprio e tende, com a acumulação de mais nexos reflexivos, para uma estabilidade definida pela representação objetiva. O tempo-objeto e a nominalização do tempo são mais consequências da construção do tempo na sua própria curva reflexiva com a sensação. A nominalização do tempo, o tempo-signo-do-tempo, acompanha a

objetivação dos três domínios do passado, presente e futuro mas de tal modo que é a forma linguística que confere a estes a densidade de essências. A lenta aquisição das categorias temporais na ontogênese e a relação estreita entre a nominalização dos domínios temporais e a competência linguística demonstra esta ligação entre a formação do tempo-objeto, do tempo-signo e a aquisição da linguagem.

A ideia da universalidade do pensamento celebrada pela Filosofia clássica, de Aristóteles a Hegel, baseou-se no privilégio das formas nominalizadas, sugerido pelo seu alcance semiótico e pela sua adesão ao tipo público da designação do tempo. Por outro lado, a distinção entre impressões e ideias do associacionismo empirista, a estabilidade, repetibilidade e universalidade atribuídas às ideias em oposição à singularidade e caráter irrepitível da fonte impressiva da experiência revelam a diferença entre sensibilidade e pensamento, uma vez mais desde o interior da estrutura temporal.

O que representa o sistema psíquico na sua individuação não está nas séries separadas, como a série da progressão sensório-emocional ou a série do pensamento e da vontade, mas na sua congruência que não é outra senão a que é atestada na coesão temporal.

A vontade exprime uma idealidade semelhante à do pensamento, o que Hegel expôs como nenhum outro. Pela vontade o indivíduo como identidade de sentimentos e pensamentos assume-se como unidade responsável por ações. Mas também na vontade não é a progressão da vivência em si que se articula, mas já o seu ser concebido.

Mediante o tempo-signo o pensamento reorienta e reelabora a progressão sensório-emocional. Primeiramente, articula-a na modalidade do concebido. Já não há aqui o sentimento do prazer ou da dor ligado à percepção das qualidades sensoriais e ao movimento do corpo na relação posicional. O concebido da sensação e do sentimento interno pertence a um domínio afastado da ligação sensório-motora e das respostas psíquico-orgânicas mais imediatas. Em segundo lugar, o tempo-signo permite o desenvolvimento do pensamento segundo uma sucessão análoga à progressão sensório-emocional gerando a ilusão da identidade entre tempo-signo e ressonância projetiva. Esta pode então ser analogada, do ponto de vista da sua forma, à forma do tempo público. Evidentemente, esta analogia nunca ocorre sem perdas e daí a nossa insistência no princípio da diferença entre sensação e

pensamento. No pensamento, as qualidades sensório-emocionais da experiência, em qSt, podem ser retomadas como *denotatum* da experiência e do pensamento, como se disse. Mas, agora, as qualidades passam a incluir-se no próprio encadeamento do pensamento, de tipo denotativo, sobre o mundo. A observação, o tempo-signo, a linguagem da observação e a conectividade própria do pensamento entram para primeiro plano e na retaguarda fica a conectividade da ressonância projetiva. Mesmo que entre ambas se desenrole um condicionamento mútuo as suas regras conectivas gozam de uma relativa independência.

Será sempre impossível estabelecer a simetria entre os efeitos da ressonância projetiva e o desenvolvimento da conexão dos pensamentos.

As representações articuladas em frases constituem o ponto de partida do sentido público do pensamento. Na aceção linguística da articulação dos membros da frase o concebido é modelizado segundo as variáveis gramaticais da língua. Aqui encontramos um dos limites dos sistemas psíquicos. A possibilidade da comunicação e a formação de sistemas com base na comunicação parte da generalização social da linguagem e das estruturas simbólicas que em parte se articulam com formas linguísticas. Um dos erros frequentes das teorias da linguagem que partem das estruturas da consciência e vêm na linguagem uma extensão da consciência está em não terem compreendido esta diferença entre formas linguísticas, formas da consciência e sistemas sociais baseados na comunicação. O limite entre consciência e comunicação é aqui tomado como um limite definidor dos próprios sistemas psíquicos.

A conectividade dos elementos comunicativos leva-nos à ideia de um ciclo de elementos que se relacionam uns com os outros como comunicações com comunicações, do mesmo modo que assinalámos nos sistemas psíquicos elementos da consciência em relação projetiva, circular e reflexiva uns com os outros. O ciclo das comunicações na sua interioridade não pode ser apreendido por uma consciência do mesmo modo que o que se desenrola nos ciclos psíquicos da consciência nunca se faz transparente em comunicações.

Deve dizer-se que, em si mesmo, o ciclo das comunicações é inacessível a uma apreensão em sentido psicológico. O que uma comunicação pode causar num nexo comunicativo está para nós, como conscientes da comunicação, inacessível. Só como seus observadores em sentido psicológico participamos numa parcela

muito diminuta dos seus efeitos. É isto que nos leva a identificar um tempo da observação limitado por aquilo que a observação capta de tais nexos comunicativos. A observação pode ela própria situar-se no plano psíquico e nas relações comunicativas, o que remete para uma complexidade adicional na forma da observação. Na comunicação tudo o que pode ocorrer ocorre de facto, apenas o que se retém numa forma determinada de observação é dado a reconhecer, a identificar e a novamente reproduzir com o sentido adicional do “observado”. A forma da observação cria assim em redor do ciclo dos elementos comunicados a sua atualidade. O atual é sempre para uma observação, para um efeito limitado do sentido que o faz emergir como tal. Os efeitos da comunicação no seu ciclo continuam a produzir os seus efeitos no seu ciclo, sem dúvida. Mas só um número limitado de efeitos da comunicação no seu ciclo é retido e identificado. Podemos então afirmar que tudo o que é possível está de facto no mundo e que a diferença entre o atual e o possível é um produto da observação. Alguém ou um acontecimento produziram efeitos comunicativos, digamos exemplificativamente, quando eu falo com alguém. Na minha alocação e por meio dela um número à partida indeterminado de efeitos comunicativos se produziu no outro. Ele reage à forma alterada do meu rosto à medida que falo, aos gestos das mãos, à posição do meu corpo entre outros objetos e naturalmente também àquilo que eu digo, se compreender as minhas frases. Muitos acontecimentos que se produzem na dependência dos meus atos intencionais e não-intencionais ficam de fora da sua atenção e podem ficar de fora do campo de atenção de alguns outros agentes que com ele interagem indiretamente e que referem a minha alocação de um modo oblíquo. Mas isso não significa que não possa haver consequências comunicativas dos meus atos que estão fora da atenção consciente de mim e de todos os demais. Simplesmente estes agentes não têm qualquer ideia sobre isso. É necessário distinguir, portanto, entre os efeitos da comunicação, a sua cadeia e o seu ciclo, de atos de produção e captação intencionais do sentido comunicado. Estes últimos representam um domínio diminuto, uma redução drástica no imenso campo dos efeitos comunicados.

O facto de a intencionalidade se agregar a nexos comunicativos não faz das conexões comunicativas relações intencionais. Estas aparecem quando se fixam e isolam os intervalos dos nexos comunicativos como dois momentos de uma relação causal. A ligação íntima entre causalidade e intencionalidade mostra

como o que é retido como sentido de um nexos depende dos limites dessa retenção nos quadros dos sistemas psíquicos. Mas também revela que outros nexos podem ter tido lugar, num número à partida indeterminado.

A clausura sistémica da consciência que justifica a noção de sistemas psíquicos encontra-se aqui evidenciada a partir dos seus limites externos, frente à comunicação e aos nexos comunicativos, e não só a partir do que define o encadeamento interno dos seus elementos constitutivos.

Recapitulando a nossa maneira de ver, é agora mais claro que a consciência não é uniformemente a mesma coisa desde a sensibilidade ao pensamento, mas conhece níveis diferenciados e articulações reflexivas de diversa índole, e a expressão linguística apenas pode refletir a conectividade do pensamento, o tempo-signo e as estruturas linguísticas num meta-nível, ainda aberto às conexões comunicativas. Esta diversidade interna da consciência que é reflexo da conectividade dos elementos de cada nível, das recursões e da reflexão posterior-anterior justifica o uso do conceito de sistema para o psiquismo. A diferença entre ciclos de elementos da consciência frente a ciclos de elementos comunicativos está patente num tema caro às concepções filosóficas modernas e contemporâneas da simpatia e da analogia, que é o do conhecimento da vida alheia. O fracasso das teorias da analogia, designadamente os esforços da Fenomenologia, para tentar explicar o acesso ao sentido das vivências dos outros sistemas psíquicos, revela a fronteira entre consciência e comunicação ou a impossibilidade de uma apropriação psíquica da comunicação ou de uma reflexão comunicativa da consciência. Segundo a nossa maneira de ver, a comunicação e a consciência estão uma frente à outra como forma e meio. Do desenvolvimento histórico e do incremento da autonomia da comunicação e dos sistemas comunicativos frente aos sistemas psíquicos depende a própria compreensão moderna da individuação, não já segundo as notas do “animal racional”, “res cogitans”, “espécie humana” ou “ser no mundo” mas segundo a multiplicidade de efeitos da divisão da consciência e da comunicação.

Para compreender estes últimos efeitos é imprescindível a descrição do sistema psíquico como sistema fechado de conexões de elementos da consciência segundo o modelo esboçado neste estudo.

Bibliografia sumária

- Bergson, H. (1939). *Matière et Mémoire. Essai sur la Relation du Corps à l'Esprit*. Paris: P.U.F..
- von Foerster, H. (1993). *Wissen und Gewissen. Versuch einer Brücke*. Frankfurt/M.: Suhrkamp.
- Fuchs, P. (2004). *Der Sinn der Beobachtung. Begriffliche Untersuchungen*. Euskirchen, Weilerswist: Velbrück Wissenschaft.
- Günther, G. (s. d.). "Negation and contexture" [Manuscript – Staatsbibliothek Berlin Nachl. 196 (Gotthard Günther) Mp 266].
- Günther, G. (1991³). *Idee und Grundriß einer nicht-Aristotelischen Logik*. Hamburg: Felix Meiner.
- Günther, G. (1976 e ss.). *Beiträge zur Grundlegung einer operationsfähigen Dialektik*. 3 Bd.. Hamburg: Felix Meiner.
- Luhmann, N. (1984). *Soziale Systeme*. Frankfurt/M.: Suhrkamp.
- Luhmann, N. (1997). *Die Gesellschaft der Gesellschaft*. 2 Bände. Frankfurt/M.: Suhrkamp.
- Luhmann, N. (1993). "Die Paradoxie der Form". In D. Baecker (Hrsg.), *Kalkül der Form*, 197-212. Frankfurt / M.: Suhrkamp.
- Maturana, H. (1996). *Was ist Erkennen. Mit dem Kolloquium "Systemtheorie und Zukunft"*. Tradução do Inglês. München-Zürich: Piper.
- Müller, A.; Müller, K. H.; Stadler, F. (2001) (Hrsg.). *Konstruktivismus und Kognitionswissenschaft. Kulturelle Wurzeln und Ergebnisse. Heinz von Foerster gewidmet*. Wien/ New York: Springer.
- Pias, C. (2003) (Hrsg.). *Cybernetics – Kybernetik. The Macy-Conferences 1946-1953. Transactions / Protokolle*. 2 Bd.. Zürich/ Berlin: Diaphanes.
- Spencer-Brown, G. (1997). *Laws of Form/ Gesetze der Form*. Internationale Ausgabe. Lübeck: Bohmeier Verlag.
- von Uexküll, J. (1956). *Streifzüge durch die Umwelten von Tieren und Menschen. Bedeutungslehre*. Hamburg: Rowohlt.

¹ Individuation of Psychic Systems

Os resultados parciais que se apresentam neste trabalho constituem o fruto da investigação do autor no quadro do tema de investigação sobre "A Individuação da Sociedade Moderna" do grupo de investigação com a mesma designação da unidade de investigação LIF – "Linguagem, Interpretação e Filosofia", da Universidade de Coimbra.

² Doutor.

Universidade de Coimbra (Portugal).

Email: edbalsemao@me.com

³ A fórmula $i/s_{1(i)} \rightarrow s_{02}$ exprime a ideia de que uma imagem mnésica (i) se prolonga na progressão sensorial ($s_1 \rightarrow s_2$) de modo a garantir a coesão nos ligamentos da experiência sensorial, que é forçosamente seccionada e de horizonte limitado.